

ZILA MAMEDE E DRUMMOND: MISSIVAS TELÚRICAS SOBRE *O ARADO*

Alexandre Alves (UERN)

Resumo: A correspondência entre Zila da Costa Mamede (1928-1985) e Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) teve seu início em 1953, ano de publicação da primeira obra da poetisa. Este contato epistolar perdurou mais de três décadas e, mesmo de forma esparsa, entre 1953 e 1985, existe a mútua admiração perceptível em inúmeras passagens dessas missivas. A influência do escritor mineiro, já consagrado devido a obras como *Sentimento do mundo* (1942), se torna evidente nos originais que Zila enviou a ele ainda em 1958, antes da publicação de seu terceiro livro, *O arado*, lançado no ano de 1959. Na compilação organizada por Graça Aquino (2000) intitulada *Cartas de Drummond a Zila Mamede*, as cartas respondidas por Carlos Drummond de Andrade retomam estes textos iniciais de *O arado* e existe toda uma série de anotações feitas pelo escritor mineiro e que Zila Mamede aceita de forma mais natural possível. É por meio dessa via epistolar mais drummondiana que mamediana que se busca compreender toda uma série de questões que circundam a relação entre Drummond e Zila Mamede. Diante da pluralidade e inevitável complexidade de conceitos, a exemplo de Edna Maria Rangel de Sá Gomes (2001) e Marco Antonio de Moraes (2008), que margeiam os estudos sobre cartas, dois aspectos se impõem como vitais para entender a correspondência entre Zila e Drummond: a retomada de um interesse através do cruzamento entre vida e obra, assim como as questões acerca da poesia moderna, e a constante procura pela literariedade do texto.

Palavras-chave: Zila Mamede, Drummond, cartas, poesia, arado.

Abstract: The correspondence between Zila da Costa Mamede (1928-1985) and Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) had its beginning in 1953, the same year of the publication of her first book. This contact through the letters they send one to another longed more than three decades, and even occurring sparsely, between 1953 and 1985, there is a mutual admiring act inside the lines of these letters. The influence of the author of works as *Sentimento do mundo* (1942) is clearly on the original poems which Zila sent him around 1958, even before the releasing of her third book, *O arado*, published in 1959. On the compilation organized by Graça Aquino (2000) and titled *Cartas de Drummond a Zila Mamede*, the letters and answers by Carlos Drummond de Andrade have a focus on the early versions of the poems which will be inside *O arado*, and there is a series of notes written by Drummond, a fact Zila Mamede accepts on a natural way as possible. It is through this correspondence, more about the vision Drummond had about Zila, which we search a whole series of questions about the relation around them and around the poetry they discuss. Realizing the plurality and complexity concepts surrounding the studies about correspondences, as those by Edna Maria Rangel de Sá Gomes (2001) and Marco Antonio de Moraes (2008), two aspects appear as essential to comprehend the letters between Zila and Drummond: one is the resumption about the crossing between life and literature, as well as questions which involve the modern poetry, and the second is a frequent search for the literariness of the text.

Key-words: Zila Mamede, Drummond, letters, poetry, plowshare.

1. Introdução: Zila Mamede e Carlos Drummond de Andrade

A grande hora da chegada
do Correio.
Ninguém te escreve, mas que importa?
Correio é belo de chegar.

Carlos Drummond de Andrade.
“Correio”, *Boitempo II*.

A correspondência entre Zila da Costa Mamede (1928-1985) e Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) teve seu início em 1953, ano de publicação da primeira obra da paraibana crescida em solo norte-rio-grandense desde os três anos de idade. Este contato epistolar perdurou mais de três décadas e, mesmo de forma esparsa, em suas dezenove cartas, onze bilhetes e um cartão, o período compreendido entre 1953 e 1985, ano do falecimento da poeta, existe a mútua admiração perceptível em inúmeras passagens dessas missivas.¹

A influência do escritor mineiro, já consagrado devido a obras como *Sentimento do mundo* (1942) e *A rosa do povo* (1945), se torna evidente nos originais que Zila enviou a ele provavelmente ainda em 1958, antes da publicação de seu terceiro livro, *O arado*, que somente viria a ser lançado no ano de 1959. Na compilação organizada por Graça Aquino (2000) e intitulada *Cartas de Drummond a Zila Mamede*, as cartas respondidas de Carlos Drummond de Andrade retomam estes textos iniciais de *O arado* e existe toda uma série de anotações feitas pelo escritor mineiro e que Zila Mamede aceita de forma mais natural possível.

É por meio dessa via epistolar mais drummondiana que mamediana que se busca compreender toda uma série de questões que circundam o afeto e as singelas expressões do mestre mineiro acerca da poesia de Zila Mamede, a quem ele declara ser “sensível e requintada”, como ele assim considera na primeira correspondência dirigida a ela, um curtíssimo *billet-doux* (bilhete de lisonja), datado de 18 de dezembro de 1953.

Já entre 1958 e 1959, Drummond se disporia à leitura prévia dos textos que viriam a compor os dezenove textos poéticos de *O arado*, terceiro livro de poemas de

¹ Neste trabalho, somente tivemos o acesso às cartas de Drummond para Zila, e o que se sabe sobre as palavras escritas pela poeta aparece nas citações das missivas do mineiro, ou seja, surge naquilo que se chama de processo “em espelho”, embora algumas entrevistas da autora de *Exercício da palavra* relatem vários trechos de suas cartas. O conjunto epistolar de Zila Mamede para o autor de *Alguma poesia* está sob os auspícios dos herdeiros da família Drummond.

Zila e cuja publicação se deu pela Livraria São José, do Rio de Janeiro, com tiragem de dois mil exemplares, marca significativa para a época. É justamente nessa época que se observa que as cartas deram um rumo mais intenso ao conceito que Zila priorizava nos versos de sua obra de 1959: sua ligação telúrica com um passado tornado presente, cuja poesia retoma a relação com a terra e seus elementos, guardados na infância sertaneja que a poeta retoma como centro de sua poesia em *O arado*.

Carlos Drummond de Andrade foi um dos privilegiados leitores desta obra, fato que já revela o grau de afinidade lírica entre o mineiro e a outrora menina que via “os flocos de algodão sujos de aurora”, como escreveu nos versos de “Soneto para o momentâneo reencontro da perdida infância”, poema de *Rosa de pedra*.

Diante da pluralidade e inevitável complexidade de conceitos que margeiam os estudos sobre cartas, dois aspectos se impõem como vitais para entender a correspondência entre Zila e Drummond: a retomada de um interesse através do cruzamento entre vida e obra, assim como as questões que envolvem a gênese da nacionalidade e a constante procura pela literariedade do texto, que agora é observado, anotado e conduzido primordialmente através do correio rumo aos seus destinatários.

2. Missivas telúricas sobre *O arado*

Fixa
a palavra
passivamente
o homem
o ato
a dor
o pacto
o amor

Zila Mamede. “Réquiem para certo amor”, *Exercício da palavra*.

Nos trinta e seis poemas de *Rosa de pedra*, editado pela Imprensa Oficial do Rio Grande do Norte em 1953, Zila– com então vinte e cinco anos de idade – resolveu por conta própria entrar em contato com um dos mais importantes poetas brasileiros do Modernismo:

[...] nessa época [1952/1953], me deu um certo atrevimento: fiz uma carta para Manuel Bandeira. [...] Ousei mandar alguns poemas para ele, entre os quais, “Noturno do Recife” e “Noturno do Capibaribe”.

Algum tempo depois, recebi uma carta dele, [...] estava me mandando uma homenagem: era uma página, se não me engano, do *Diário Carioca*, onde estava escrito estampado exatamente o “Noturno do Recife”² [...]. Realmente, ele fez isso sem me conhecer pessoalmente, pelos poemas que mandei para ele (MAMEDE, 1987, p. 21-22).

Desde o ano de 1954, Zila Mamede começou a exercer a função de bibliotecária. Ela trabalhou no Instituto de Educação do Rio Grande do Norte logo após ter recebido seu certificado pelo Curso Intensivo de Biblioteconomia promovido pelo Instituto Nacional do Livro e ocorrido em Natal durante os meses de setembro a novembro do mesmo ano. Em seguida, a poeta foi para o Rio de Janeiro em 1955, resultado de seu esforço por ter obtido a melhor nota no curso realizado em Natal. O próprio Manuel Bandeira, que já residia na cidade muito antes da autora de *O arado sequer nascer*, agiu para que uma bolsa de estudos fosse providenciada mais brevemente, como atesta a própria poetisa em declaração ao programa televisivo *Memória Viva*. Tal entrevista, ocorrida no dia 03 de fevereiro de 1981 e exibida na data de 22 do mesmo mês e ano, foi depois transcrita para a versão em livro e nele Zila declara que quando foi morar no Rio de Janeiro:

[...] ele [Bandeira] interferiu antes de eu ir para que uma bolsa de estudos da Biblioteca Nacional saísse logo para mim, para que eu fosse imediatamente naquele ano de 1955 [...]. Eu ia toda semana a casa dele; [...] Ele realmente me tratou como uma pessoa da família e fez mais: me obrigou a estudar. [...] ele me obrigava a estudar latim, a conhecer os clássicos [...]. Realmente, ele foi muito importante na minha vida. Não digo que ele me fez. Digo que ele me obrigou a levar a sério a poesia (MAMEDE, 1987, p. 21-22).

Nesse seu contato direto com Bandeira durante os anos de 1955 e 1956, e com sua nova responsabilidade na função de bibliotecária – o diploma de Bacharel em Biblioteconomia saiu ainda em 1956, expedido pelo curso da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro –, Zila Mamede se inclinou de vez para o tênue e intenso trato com as palavras, seja na profissão ou na criação poética que ela evidentemente já produzia. Outra renomada figura literária do cânone cultural brasileiro, o mineiro Carlos Drummond de Andrade, também começou a ter maior importância e influência sobre Zila Mamede, visto o simples fato de ela enviar (via correspondência epistolar) até ele,

2 Segundo CASTRO (2003, p. 97), Zila Mamede se confundiu com o texto a que se refere, que na verdade é o poema “Soneto noturno para o Rio Capibaribe”, publicado no jornal *Diário carioca*, na edição do dia 13 de dezembro de 1953.

nos anos de 1958 e 1959, páginas datilografadas contendo vários poemas originais que viriam a fazer parte das obras *Salinas* – publicada em 1958, mas já praticamente pronta no ano anterior – e *O arado*, consolidando uma amizade inevitável.

Por sua vez, Drummond enviava de volta comentários sobre poemas, versos e até palavras que poderiam ser mais “adequadas” no contexto de *O arado*, por exemplo. O autor de *Sentimento do mundo*, que também interviera na gráfica da Imprensa Nacional para que *Salinas* viesse a ficar pronto o mais rápido possível no ano de 1958, escreveu cartas que demonstram toda sua apreciação pela poesia de Zila Mamede, como a escrita em 27 de março de 1959, na qual se lê:

Passei esta tarde de sexta-feira lendo seus poemas e catando defeito neles, para ser agradável a vosmecê, mas no fim as qualidades eram tão maiores e tão agradáveis de se perceber, que o caráter odioso da tarefa se foi dissipando, e ficou só a alegria de ver você crescendo em poesia. “O rio” e o primeiro soneto do “Os bois dormindo” são duas coisas de grande classe, e versos espalhados por todo o livrinho se impõem como unidades belíssimas (*apud* AQUINO, 2000, p. 23).

O escritor mineiro não escondia, entretanto, visíveis críticas construtivas quanto a algumas passagens poéticas, e até sobre a unidade temática do livro, justamente daquele que, para outro crítico, contém “qualidades de testemunho de um amadurecimento poético inteiramente original” (MELO, 1978, p. XVI). A partir desta assertiva, houve a repetição de um senso comum sobre *O arado*, que é a suposta “obra-prima” ou a “plenitude poética” (grifos nossos) de Zila Mamede. Na apresentação de *Exercício da palavra*, a obra posterior de Zila e que é uma compilação de poemas escolhidos por ela entre os anos de 1959 e 1975, ao que tudo indica, o poeta Sanderson Negreiros também vislumbra certa crítica sobre o livro anterior dela.³ O atento Drummond observa com extrema acuidade alguns dos aspectos presentes em *O arado* e notabiliza sua atenção para uma possível monotonia circundante no livro, isto antes de ele ter sido publicado (1958). A carta é datada de 27 de março de 1959:

Noto o seguinte: certa repetição de palavras-chave, como pasto, lírio, trigal, pão, que torna monótono o livro, embora a unidade temática imponha essa monotonia como condição prévia. Também gostaria de

3 De acordo com a opinião de Negreiros (1978, p. 32), “Um livro [*Exercício da palavra*] que pode ter uma virtude: não peca pela unicidade, pela virtude bem comportada de um equilíbrio de fórmulas, vez e tema [*O arado*]. Para aqui, confluem as várias vozes do poeta, sua pesquisa incessante, sua hora de ir e voltar, de conhecer e desconhecer, do uso deliberado de formas que correspondem à necessidade de a Poesia mudar e equipar-se para a viagem moderníssima”.

certas audácias, como transformar substantivos em adjetivos, ou compor palavras misturando as existentes, mas deixando claro para o leitor o elo que as prende. O mais é técnica de economia: cortar palavrinhas desnecessárias (o, um, seu), encurtar, acelerar, tornar mais direta e violenta a dicção (*apud* AQUINO, 2000, p. 23-24).

Detalhando isto um pouco mais, a própria relação (típica dos tempos modernos) de valores conflituosos entre campo e cidade aparece na obra de Zila Mamede como um todo, algo que vem a se transformar em um ponto de reflexão poética bastante singular. O processo de mudanças histórico econômicas, incluindo o Brasil e a própria cidade de Natal como foco de urbanização pós-Segunda Guerra Mundial, traz consigo toda uma carga de fatores que vêm a integrar também as diferenças entre o campo – o mote de Zila para a execução poética em *O arado* – e a cidade, uma movimentação pendular que termina por também se referir à própria biografia de Drummond.⁴ De modo mais geral, analisando os aspectos citadinos e campestinos de forma mais macroscópica, assim como as diferenças históricas entre as duas representações, tal conjuntura:

[...] pode ser examinada com mais profundidade isoladamente, e há formas alternativas de encarar a sequência, a interação e o desenvolvimento [da cidade e do campo]. Evidentemente, seria necessário realizar mais estudos comparativos [...] das literaturas do mundo em desenvolvimento, nas quais outras maneiras de ver um processo relacionado estão encontrando expressão literária (WILLIAMS, 1989, p. 391).

Nesta perspectiva, o estabelecimento de uma possível dialética envolvendo novos direcionamentos para a literatura nacional indica ser uma afirmação complexa, como a de relacionar, vide os estudos de Antonio Candido (1980), o “Cosmopolitismo”, uma clara referência aos ditames tidos como literariamente universais e o “Localismo”, este como sendo ao mesmo tempo tanto uma apropriação destes timbres universais via uma refeitura (semântica ou léxica, por exemplo) quanto uma forma aberta de criação literária, uma transposição única, como assim se considera a poesia em seu sentido mais amplo enquanto expressão humana.

4 Comparada à vida de Zila Mamede, a trajetória do poeta pode ser relacionada a da autora de *Navegos*. Drummond nasceu na pequena Itabira do Mato Dentro, interior de Minas Gerais, dedicando ao seu lugar de origem poemas que marcaram sua produção, como “Confidências do itabirano”, presente em sua obra *Sentimento do mundo* (1940). Depois, ele se desloca, já na adolescência, para fixar residência em Belo Horizonte, capital mineira. Em seguida, termina seus estudos em Nova Friburgo (RJ) e, já no início de sua carreira como escritor, se muda para a cidade do Rio de Janeiro em 1934, lugar onde passa a viver até a data de seu falecimento em 1987.

3. “Bois dormindo (I)” e “Bois dormindo (II)” : poemas anotados por Drummond

Do ponto de vista da teoria epistolar, a missiva pode ser considerada e tida:

[...] como “objeto cultural”, a carta nos remete ao suporte e a seus significados, assim como à história das condições materiais da troca epistolar. [...] Enquanto “ato” no campo semântico da representação teatral, a carta coloca “personagens” em “cena”. O remetente assume “papéis”, ajusta “máscaras” em seu rosto, reinventando-se diante de seus destinatários, com objetivos afetivos ou práticos definidos. Sob o signo da encenação, a verdade expressa na carta – a do sujeito em determinada instância, premido por intenções e desejos – é sempre pontual e cambiante. [...] A correspondência de artistas e escritores poderá igualmente afirmar-se como um agitado “canteiro de obras”. [...] buscará apreender o testemunho e as pegadas dos processos de criação [...] (MORAES, 2008, p. 08).

Embora não tenha havido o acesso às cartas de Zila– o que seria essencial, uma vez que, segundo Gomes (2001, p. 98), “[...] a história é feita, ou apreendida, dos dois lados da barricada, na ida e na volta das informações [...]”–, ao que tudo indica, ela seguiu vários dos “conselhos” do já experiente poeta mineiro, visto que nos documentos originais que ambos permutavam estão anotadas as mudanças, percebidas no confronto com o livro publicado. Por exemplo, o poema “Bois dormindo (I)” foi chamado, em uma primeira instância, de “Os bois dormindo (I)”, logo, Zila suprimiu o artigo “Os” devido à sugestão dada por Drummond. Ainda neste mesmo texto, o quarto verso era primordialmente montado como “que ouviam-se nascendo as açucenas”. A sugestão de Drummond era “que se ouviam nascer as açucenas”, justamente o verso tal qual foi publicado. Já em “Bois dormindo (II)”, o final da primeira estrofe era “pois nele o verde em verde novo aponta”. Acabou transformando-se, pela anotação de Drummond, em “pois nele o verde verdinovoaponta”, o que demonstra evidentes indícios de exemplos da proximidade literária, influência e (auto)crítica amalgamados ao ponto da respeitabilidade do poeta mineiro agir na poesia de Zila com natural tranquilidade.

Segue o poema que originalmente foi datilografado e enviado pelos correios ao mestre mineiro, provavelmente no final de 1958 ou início de 1959, uma vez que não houve o acesso às cartas e datas originais de Zila endereçadas ao autor de *Alguma poesia*:

OS BOIS DORMINDO I

A paz dos bois dormindo era tamanha
mas grave era a tristeza de seu sono
e tanto era o silêncio da campina
que ouviam-se nascendo as açucenas.

No sono os bois seguiam tangerinos
que abandonando relhos e chicotes
tangiam-nos serenos com as cantigas
aboiadeiras e um bastão de lírios.

Os bois assim dormindo caminhavam
destino não de bois mas de meninos
libertos que vadiassem chão de feno;

e ausentes de limites e porteiras
arquitetassem sonhos sem currais
nessa paz outonal de bois dormindo.

A partir das anotações feitas por Drummond, devolvendo os originais datilografados a Zila na carta datada de 27 de março de 1959, a autora de *O arado* publica o poema com as sugestões transcritas pelo escritor de Minas Gerais, revelando assim a confiança, singeleza e influência poética de Drummond sobre ela, enquadrando uma situação literária que lida tanto com a literariedade do texto quanto a questão da construção do cânone modernista, no caso, a figura do poeta já envolvida de respeito e presença literária, relacionando-se com poetas distantes de sua área de atuação – embora mineiro, Drummond morava desde a década de 1930 na capital fluminense, então capital do país –, e nem por isso menos importantes na produção do cenário poéticonacional.

Na obra publicada em 1959, Zila aprovou as recomendações do poeta com uma naturalidade que demonstrava sua maturidade, pois apesar de serem detalhes pouco importantes para o “leitor comum”, o poema “Bois dormindo (I)” mostra as adaptações feitas por Drummond (ver anexo):

BOIS DORMINDO (I)

A paz dos bois dormindo era tamanha
(mas grave era a tristeza de seu sono)
e tanto era o silêncio da campina
que se ouviam nascer as açucenas.

No sono os bois seguiam tangerinos

que abandonando relhos e chicotes
tangiam-nos serenos com as cantigas
aboiadeiras e um bastão de lírios.

Os bois assim dormindo caminhavam
destino não de bois mas de meninos
libertos que vadiassem chão de feno;

e ausentes de limites e porteiras
arquitetassem sonhos (sem currais)
nessa paz outonal de bois dormindo.

A simples inclusão dos parênteses e a eliminação do artigo /os/ do título do poema regem a opinião de Drummond para uma “[...] técnica de economia: cortar palavrinhas desnecessárias (o, um, seu), encurtar, acelerar, tornar mais direta e violenta a dicção. [...]” (*apud* AQUINO, 2000, p. 24). Esta inclinação de Drummond a uma dicção mais rápida, mais ligeira, apresenta relações coincidentes com o pensamento de uma das obras mais renomadas sobre a poesia moderna/contemporânea, *Estrutura da lírica moderna*, do alemão Hugo Friedrich, na qual ele considera que a linguagem deste “novo lirismo” passava justamente pela ruptura com o habitual e que “Quanto menos tradicional a poesia queira ser, tanto mais se distancia da frase como forma tradicional articulada pelo sujeito, objeto, predicado verbal, preposições etc. [...]” (FRIEDRICH, 1979, p. 153).

Este mesmo referencial, digno do ímpeto modernista de Drummond, ressurge no poema que dá sequência ao tema anterior. Em “Bois dormindo (II)”, Drummond dá margem a sua opinião de “[...] transformar substantivos em adjetivos, ou compor palavras misturando as existentes mas deixando claro para o leitor o elo que as prende” (*apud* AQUINO, 2000, p. 24). Isto aparece nos versos da primeira estrofe do poema, que originalmente eram “Os bois ainda dormem. Já cansaram” (verso 01) e “pois nele o verde verde novo aponta” (verso 04), mas que pela anotação drummondiana ficaram como “Os bois dormem ainda. Já cansaram” e, na sugestão posterior, ficou “pois nele o verdinovoaponta”, o que de fato ocorreu na publicação do poema já editado no formato de livro.

As aparentemente transformações simples destes poemas indicam que, por via epistolar, a poesia muda, se converte em pequenos novos horizontes que a carta de Drummond pontua e que Zila, por sua desmedida admiração poética pelo mineiro, aceita após a leitura das anotações do autor de *Claro enigma*, criando um diálogo sobre a poesia contemporânea de essencial valia e que se encontra em outra perspectiva de

entendimento, igualmente contemporâneo, o epistolar, pois a carta não seria apenas um mero objeto de pesquisa: “podemos vê-la também como um gênero literário. [...] a carta é vista como o verdadeiro espelho interior, aquele espelho que nos revela facetas que passam despercebidas até para o próprio ‘sujeito’” (GOMES, 2001, p. 101-109).

4. Considerações finais

Como se pode notar, nas cartas de Drummond endereçadas a Zila Mamede, existe todo um interesse em perguntas propostas por ela e respostas sugestivas dadas por ele. O próprio mineiro se revelava uma pessoa que tem “[...] o maior constrangimento em propor qualquer modificação a um poeta, cada um é dono de seus erros e acertos, e receio ainda sugerir o que é apenas minha verdade, uma verdade precária mesmo nos limites de meu ser, que tenho mudado tanto ao longo da vida” (*apud* AQUINO, 2000, p. 23). Em uma série de entrevistas radiofônicas dadas a Lya Cavalcanti (1901-1998) na Rádio MEC no ano de 1954, depois transcrita para o livro *Tempo vida poesia*, este mesmo Drummond relata uma observação mais ampla sobre literatura e poesia, que parece traçar uma trajetória similar ao contato epistolar, uma vez que segundo o escritor mineiro:

[...] O que há de mais importante na literatura, sabe? É a aproximação, a comunhão que ela estabelece entre seres humanos, mesmo à distância, mesmo entre mortos e vivos. O tempo não conta para isso. Somos contemporâneos de Shakespeare e de Virgílio. Somos amigos pessoais deles. Se alguém perto de mim fala mal de Verlaine, eu o defendo imediatamente; todas as misérias de sua vida são resgatadas pela música de seus versos. Como defenderia um amigo pessoal (ANDRADE 2008, p. 52).

Lendo tais afirmações do poeta, a proximidade de sua vida com a literatura, mesmo que no início de sua carreira as certezas fossem menos intensas⁵, o mesmo ocorre com as missivas do poeta direcionadas a Zila durante o período de feitura da obra *O arado*, significando nada menos que a constatação de que o grande poeta brasileiro

5 Após um pedido do crítico Alceu Amoroso Lima no qual se supõe que ele desejava obter informações sobre a trajetória biográfica e intelectual do mineiro, Drummond responde, em carta de primeiro de junho de 1931 – pouco tempo depois de sua estreia com *Alguma poesia* (1930) – que “[...] Convicções políticas, filosóficas, estéticas, não as tenho. Nunca senti entusiasmo algum pelo modernismo. Hoje sou um legionário porque, embora não tenha a mínima ilusão sobre a origem, natureza e finalidade desse movimento, eu o considero mais interessante e sobretudo mais honesto do que a organização perremista do Estado. Sou, portanto, um legionário sem fé” (MASSI, 2008, p. 80).

espalhava sua palavra pelo restante do país, nem que fosse por via de um papel, de uma ou duas anotações – talvez ocultando sua grande valia em frases curtas –, enviadas em uma carta com destinatário certo: a poesia dentro dela. Zila Mamede também plantou um pedaço de seu lirismo com as sementes das missivas dela para Carlos Drummond de Andrade e vice-versa.

5. Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Nova reunião volume 1*. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2010.

_____. *Nova reunião*. v. 2. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2010.

_____. *Tempo vida poesia*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

AQUINO, Graça. (Org.) *Cartas de Drummond a Zila Mamede*. Natal: Sebo Vermelho, 2000.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1980.

CASTRO, Marize. Zila – infinita, liquefeita. In: ALMEIDA, Ângela; CASTRO, Marize; MARINHO, Vânia. *Zila Mamede: se esse humano de meus gestos*. Natal: Edufrn, 2003.

FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna*. Trad. Marise M. Curioni. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1979.

GOMES, Edna Maria Rangel de Sá. Arquivo confidencial. In: ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de (Org.). *Histórias de letras: pesquisa sobre a literatura no Rio Grande do Norte*. Natal: Scriptorin Candinha Bezerra/Fundação Hélio Galvão, 2001.

MAMEDE, Zila. *Memória viva de Zila Mamede*. Natal: Edufrn, 1987.

. *Navegos/A herança*. Natal: EDUFRN, 2005.

MASSI, Augusto. Cartas de Carlos Drummond de Andrade a Alceu Amoroso Lima. *Teresa*, São Paulo, n. 08/09, 2008, p. 76-80.

MELO, Paulo de Tarso Correia de. Zila Mamede – itinerário e exercício da poesia. In: MAMEDE, Zila. *Navegos*. Belo Horizonte: Vegas, 1978.

MORAES, Marco Antonio de. Sobrescrito. Sobrescrito. *Teresa*, São Paulo, n. 08/09, p. 08-09, 2008.

NEGREIROS, Sanderson. Apresentação. In: MAMEDE, Zila. *Navegos*. Belo Horizonte: Vegas, 1978.

SANTOS, Maria das Graças de Aquino. *A memória como evocação: um estudo crítico da obra O Arado, de Zila Mamede*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1996.

ALVES, A. Zila Mamede e Drummond: missivas telúricas...

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade*. Trad. Paulo Henrique Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

6. Anexo

Fac-símile da página com anotações de Carlos Drummond de Andrade sobre o poema “Os bois dormindo”, de Zila Mamede, datado de 1958. Fonte: AQUINO, 1996, p. 174

